

PROMOVENDO REFLEXÕES SOBRE A TRANSGENERIDADE: O RELATO DE UMA INTERVENÇÃO COM GRADUANDOS EM PSICOLOGIA

PROMOTING REFLECTIONS ON TRANSGENDERITY: THE REPORT OF AN
INTERVENTION WITH PSYCHOLOGY STUDENTS

PROMOVENDO REFLEXIONES SOBRE LA TRANSGENERIDAD: EL RELATO
DE UNA INTERVENCIÓN CON ESTUDIANTES DE PSICOLOGÍA

Fernanda Vaz Hartmann

Ms. em Psicologia, professora da disciplina de Seminário Integrador do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA).

Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva 160, Colinas – Cachoeirinha/RS

E-mail: fernanda.vazhartmann@gmail.com

Daniela Dias do Nascimento

Graduanda do 10º Semestre do Curso de Bacharel em Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA).

Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva 160, Colinas – Cachoeirinha/RS

E-mail: diasn.daniela@gmail.com

Autor correspondente

Fernanda Vaz Hartmann

Ms. em Psicologia, professora da disciplina de Seminário Integrador do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA).

Endereço: Rua Silvério Manoel da Silva 160, Colinas – Cachoeirinha/RS

E-mail: fernanda.vazhartmann@gmail.com

PROMOVENDO REFLEXÕES SOBRE A TRANSGENERIDADE: O RELATO DE UMA INTERVENÇÃO COM GRADUANDOS EM PSICOLOGIA

PROMOTING REFLECTIONS ON TRANSGENDERITY: THE REPORT OF AN INTERVENTION WITH PSYCHOLOGY STUDENTS

PROMOVENDO REFLEXIONES SOBRE LA TRANSGENERIDAD: EL RELATO DE UNA INTERVENCIÓN CON ESTUDIANTES DE PSICOLOGÍA

Hartmann & Nascimento
Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha

Resumo

O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre uma intervenção realizada em uma instituição de ensino superior, aplicada nos discentes e docentes do Curso de Bacharel em Psicologia com o objetivo de promover uma reflexão a respeito do sofrimento psíquico dos indivíduos transgêneros. Foi elaborada uma intervenção composta por etapas apresentadas nos formatos de teatro interativo, dramatização, quiz e jogo. A prática proporcionou aos espectadores e participantes uma experiência inovadora, que buscou problematizar a transgeneridade no contexto acadêmico e conscientizar discentes e docentes, alertando-os sobre o sofrimento psíquico da população transgênera, criando um contexto de empatia aos sentimentos gerados pela discriminação nos diferentes contextos (família, escola, trabalho e sociedade), bem como informações sobre conceitos de identidade e orientação sexual e dados estatísticos a respeito da violência e discriminação sofridas pelos indivíduos transexuais. Como resultado, obteve-se dos participantes depoimentos que convergem com os estudos realizados no processo de elaboração da intervenção. Entretanto, surgiram questionamentos diferentes dos apontados pelos acadêmicos proponentes da atividade, evidenciando a necessidade de maiores estudos sobre a transgeneridade.

Palavras-chave: transgeneridade, psicologia, sexualidade, identidade de gênero.

Abstract

This article presents an experience report about an intervention carried out in an institution of higher education, applied to the students and teachers of the Bachelor's Degree in Psychology. With the main objective of promoting a reflection on the psychological suffering of transgender individuals, an intervention with stages presented in interactive theater, drama, quiz and game formats was developed. The practice provided spectators and participants with an innovative experience that sought to problematize transgenerity in the academic context and to raise awareness among students and teachers, alerting them to the psychological suffering of the transgender population, creating a context of empathy for the feelings generated by discrimination in different contexts (family, school, work and society), as well as information on concepts of identity and sexual orientation and statistical data on violence and discrimination suffered by transsexual individuals. As a result, the participants obtained statements that converge with the studies carried out in the process of elaborating the intervention. However, different questions emerged from those pointed out by the proponents of the activity, evidencing the need for further studies on transgenerity.

Keywords: transgenerity, psychology, sexuality, gender identity.

Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia sobre una intervención realizada en una institución de enseñanza superior, aplicada a los discentes y docentes del Curso de Bachiller en Psicología. Con el principal objetivo de promover una reflexión acerca del sufrimiento psíquico de los individuos transgêneros, se elaboró una intervención compuesta por etapas presentadas en los formatos de teatro interactivo, dramatización, quiz y juego. La práctica proporcionó a los espectadores y participantes una experiencia innovadora que buscó problematizar la transgeneridad en el contexto académico y conscientizar a los discentes y docentes, alertándoles sobre el sufrimiento psíquico de la población transgênera, creando un contexto de empatía a los sentimientos generados por la discriminación en los diferentes contextos familia, escuela, trabajo y sociedad), así como información sobre conceptos de identidad y orientación sexual y datos estadísticos sobre la violencia y la discriminación sufridas por los transexuales. Como resultado, se obtuvieron de los participantes testimonios que convergen con los estudios realizados en el proceso de elaboración de la intervención. Sin embargo, surgieron cuestionamientos diferentes de los señalados por los académicos proponentes de la actividad, evidenciando la necesidad de mayores estudios sobre la transgeneridad.

Palabras-clave: transgeneridad, psicología, sexualidad, identidad de género.

O sexo biológico (genitália) é atribuído ao indivíduo muitas vezes antes mesmo de seu nascimento. Ao nascerem, a partir do sexo biológico, aos bebês é atribuído o gênero (menino ou menina), que é acompanhado por expectativas socialmente convencionadas, relacionadas aos gêneros feminino e masculino. Contudo, no decorrer de seu desenvolvimento, algumas crianças percebem que a atribuição de gênero recebida em seu nascimento não é congruente com o gênero ao qual se identificam. A transgeneridade é a condição em que é assumida uma identidade de gênero, seja masculina ou feminina, diferente da concordante em relação às características biológicas (Modesto, 2013; Bernini, 2012). Tanto o comportamento, como a maneira como se sentem em relação a essa incongruência podem ser reforçados ou reprimidos de acordo com o ambiente em que se desenvolvem.

Em muitos contextos as manifestações da diversidade humana ainda são consideradas como desvio da normalidade (Gaspodini & Rissi, 2013). Entre essas manifestações temos a transgeneridade, geralmente mencionada com o uso da expressão trans* ou da sigla T* (asteriscos compõem os termos). A utilização desses termos têm como o objetivo de, como um "guarda-chuva", abranger todas as manifestações da transgeneridade (Nery & Gaspodini, 2015).

A hostilidade com que muitas vezes a pessoa transgênera é tratada tende a reprimir a manifestação de gênero com a qual se identifica, quando esta é diferente de seu gênero biológico. Devido ao intenso sofrimento que caracteriza a sensação de não pertencimento ao sexo biológico tem impulsionado a transgeneridade, que atualmente tem se afirmado e posicionado diante da sociedade (Rodrigues & Barros, 2017). Vê-se hoje na mídia televisiva o impacto deste posicionamento, o qual vem causando furor na cultura da televisão brasileira, a partir da exibição de séries, filmes e telenovelas, evidenciando a necessidade de discussão sobre esta temática.

Um dos aspectos que leva a necessidade de desenvolver estudos e intervenções que contemplem a temática, são os indicadores de violência e discriminação que esta população sofre (Pagliari & Piber, 2016). Um estudo sobre denúncias de agressões contra a população LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queers e Intersex) realizado pelo Grupo de Atuação Especial em Defesa da Mulher/LGBT (GEDEM/LGBT), mostrou que, na Bahia, entre o período de 2012 e 2013, o número de agressões contra essas pessoas é discrepante em comparação com a quantidade de pessoas LGBTQI nesta região. Empregada muitas vezes como forma de correção e como meio para manter a ordem, a violência, em seus diversos tipos, constitui-se em um grotesco e ineficaz mecanismo de controle.

O mecanismo de repressão da verdadeira identidade de gênero, pode surgir mascarado, sustentado pela desculpa de garantir a harmonia e a moral da sociedade. Em seu estudo sobre tipos de violência infringida à população trans*, Pagliari e Piber (2016) evidenciam a violência simbólica como a mais presente. Este tipo de violência surge em forma de desrespeito e falta de direitos. Um dado significativo apresentado por Mott (2017) indica a relevância da discussão sobre a diversidade, como um assunto de emergência social. Segundo o autor,

no Brasil, a cada 28 horas, um gay, lésbica, travesti ou transexual é assassinado com requintes de brutalidade. Este ódio irracional em relação à diversidade sexual posiciona nosso país no primeiro lugar do ranking mundial de crimes de ódio sexual, sendo que nas últimas três décadas ocorreram mais de cinco mil assassinatos.

Estudos recentes (Davi & Onofre, 2017; Xavier & Sarat, 2017) mostram que o contexto que mais gera sofrimento aos transgêneros é a família. Kurashige e dos Reis (2015) comentam sobre o grande medo de rejeição afetiva que indivíduos homossexuais têm ao assumirem sua identidade de gênero. Este medo é compartilhado pelo transgênero que, assim como os homossexuais, muitas vezes são agredidos fisicamente ou mesmo expulsos de casa quando decidem assumir sua identidade. Os autores continuam explicando que, por conta deste temor, muitos seguem por um caminho nada saudável para o desenvolvimento de sua individualidade, levando uma vida dupla ou reprimindo sua orientação e expressão sexual. De Jesus (2013) reforça a importância do apoio familiar como um fator relevante e fundamental para o bem estar social na vida de uma pessoa transgênera, pois esta, ao não encontrar meios favoráveis de expressão de sua essência, tende a fechar-se para expectativas futuras, o que poderá repercutir em diversos outros contextos de desenvolvimento.

No contexto da igreja, parece importante considerar que o Brasil se destaca pelo pluralismo religioso (Steil, 2011). Esta característica, embora não faça com que muitas Igrejas rompam com suas tradições heteronormativas, muitas vezes fomenta a tolerância a aceitação da diversidade. Almeida (2009) citado por da Silva, Simião e da Silva (2017) mencionam as igrejas inclusivas como novas experiências de fé, encontrando no Brasil oportunidade e espaço de crescimento. A fé pode constituir-se em um dos fatores auxiliam na manutenção da saúde psicológica, por isso, a igreja e grupos religiosos são considerados importantes contextos sociais por muitas pessoas transgêneras.

Outro contexto de desenvolvimento considerado importante é o escolar. Na escola encontram-se pessoas de diferentes culturas, classes sociais e identidades e essa diversidade é muitas vezes utilizada para separar e classificar os sujeitos. Partindo desta diferenciação, a escola torna-se produtora de desigualdades, dividindo, separando e hierarquizando os indivíduos (Louro, 2000). As pessoas transgêneras sofrem, no ambiente escolar, não apenas com as maledicências, mas também com o despreparo de professores e outros profissionais da educação, quando estes desconhecem a realidade desta população.

Contra o despreparo dos educadores, pesquisas e engajamento acerca da diversidade convertem-se em ferramentas eficazes, uma vez que o despreparo pode fomentar a violência e a chamada invisibilidade social, um dos sofrimentos mais significativos vivenciado pelos transgêneros. O conhecimento incide na reflexão e aumenta a criticidade. Refletir e ter criticidade são fundamentais para a construção de novos saberes e permitem aprimoramento das práticas educativas facilitadoras deste aprimoramento. As Metodologias

Ativas de Ensino Aprendizagem (MAEA) são meios de transformar os saberes de discentes e docentes (agentes educativos) rumo à educação para a diversidade. A disciplina de Seminário Integrador, que deu origem a este relato, funciona com base nestas MAEA, uma vez que os acadêmicos e a professora tornaram-se agentes ativos na mesma medida, refletindo sobre e construindo juntos, somando teoria e a prática psicológica.

Considerando o que foi exposto acima, os discentes da disciplina de Seminário Integrador, componente curricular do Curso de Bacharelado em Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), desenvolveram uma intervenção com o propósito de promover uma reflexão a respeito do sofrimento psíquico dos indivíduos transgêneros e o papel do psicólogo como agente de saúde desta população. Esta intervenção foi aplicada nos demais acadêmicos e professores do mesmo curso e instituição. Esta intervenção também buscou oferecer dados atuais a fim de problematizar a temática da transgeneridade, além de esclarecer conceitos sobre sexo, gênero e identidade, de modo a criar um contexto de empatia aos sentimentos gerados pela discriminação em diferentes contextos sociais.

A fim de oferecer uma compreensão sobre o tema abordado apresenta-se uma breve revisão sobre os conceitos de sexo, sexualidade e identidade de gênero. Em seguida, faz-se uma reflexão sobre o papel da psicologia na promoção da aceitação social da diversidade sexual e encerra-se com uma reflexão sobre o modelo ativo de ensino-aprendizagem, proposta pedagógica que sustenta tanto a construção da intervenção desenvolvida, como a aprendizagem esperada que os participantes tenham a partir da vivência da intervenção.

A origem dos conceitos associadas a identidade de gênero

Ao longo da história da humanidade foi construída a crença de que havia uma simples e rígida dualidade entre indivíduos (masculino e feminino), denominada dimorfismo sexual ou binarismo. De acordo com o historiador Thomas Laqueur (2001), até o século XVIII esse modelo binário não existia, ou seja, não havia diferença entre os sexos, predominando o modelo de sexualidade *one-sex-model*. Compreende-se, então, que esta classificação baseada em características morfológicas foi constituída ao longo da história da humanidade, cabendo uma análise sobre os motivos que levaram a sociedade a esta divisão. Costa (1995) explica que a diferenciação sexual surgiu de interesses filosófico, moral e político, não sendo concebida a partir das diferenças entre homem e mulher. Assumindo um papel importante durante o Iluminismo a ciência provoca uma preocupação em diferenciar homens e mulheres e, após este período, assume posto de destaque social (de Souza & de Pádua Carrieri, 2010).

Segundo Costa (1995) a ciência incorporou o imaginário cultural e deve-se a isto boa parte das ideias que sustentamos acerca da sexualidade. Entre os séculos XVIII e XIX, a partir da formação de uma nova imagem da mulher, a ciência protagonizou uma rede de poder e não um posto de neutralidade. Foucault e Galvão (1999) discutem um

fenômeno que ocorre no século XIX, o qual nomeiam de *biopoder*, como um enaltecimento da vida por meio do poder, ou uma conquista de poder sobre o homem, enquanto ser vivo, de modo a estabelecer o que chama de estatização do biológico. Sob esta perspectiva, concebe-se, então, a diferenciação biológica como um dispositivo de poder e, dessa forma, discute-se uma das hipóteses que levaram a sociedade a esta divisão: o capitalismo. Conforme de Souza e de Pádua Carrieri (2010), a segregação e a hierarquização da sociedade, de modo a garantir relações de dominação, provocam efeitos de hegemonia, sendo esta ideia o cerne dos valores exercidos pelo capitalismo. Compreende-se então que a aceitação da diversidade propõe abrir mão de um modelo que hoje configura parte da cultura de nossa sociedade.

Esta breve análise histórica, contextualiza o entendimento do que é gênero a partir da concepção de uma sexualidade binária, mas conduz a uma reflexão sobre o que de fato é gênero. Rumo a esta compreensão, encontra-se o que Louro (2017) compreende como tríade sexo, gênero e sexualidade, que ainda representa uma relação de causa e efeito entre si, em que o primeiro determina o segundo e este o terceiro, definindo e regulando o comportamento sexual humano. Tal concepção assume caráter equacional, como se a heterossexualidade fosse uma fórmula que determina aceitação social, a partir de uma institucionalização normativa, incorporada a cultura. A autora reforça a explicação de que o indivíduo que não se enquadra nesta normativa heterossexual é marginalizado, embora sua existência seja necessária para que o padrão da normalidade possa existir e ser enaltecido como modelo correto a ser seguido.

Saindo deste modelo binário para um conceito social, a palavra gênero atribui um significado que facilita o entendimento e fomenta estudos e discussões acerca de sexo e sexualidade, permitindo a diferenciação de práticas sexuais dos papéis sociais adotados por homens e mulheres (Scott, 2012). Quanto ao conceito de gênero, Mourão (2000) infere que pode haver uma abordagem cultural e outra pessoal. A primeira diz respeito ao que é ser homem e mulher em sociedade e a maneira com este conceito se estruturou; a segunda questiona por que um indivíduo tem uma identidade de gênero e não outra, bem como as implicações disso em seu cotidiano. Este autor refere que nenhuma teoria, seja biológica, cultural ou psicológica dá conta de explicar exaustiva e suficientemente a origem e a formação da identidade de gênero. Winnicott (1989) utiliza o termo *ex-cindido* em lugar da expressão gênero. Para ele uma pessoa ex-cindida ainda não estruturou os elementos feminino ou masculino em sua personalidade, explicando que tais elementos podem ainda estar representados diferencialmente em maior ou menor quantidade. Postula também que o feminino é transmitido à criança, seja menino ou menina, através da mãe, enquanto a modulação das quantidades dos elementos dependerá tanto de hereditariedade quanto do meio.

Stoller (1993) lista fatores que contribuem para a formação de identidade de gênero, os quais são biológicos (hormônios), e sociais, ou seja, designação parental de feminino ou masculino, conduta que muitas vezes precede ao nascimento, além da atitude desses pais diante da criança, em termos comportamentais, tais como formas de

tratamento, geralmente reforçadas com afetividade, que pode ser consciente ou inconsciente. Sobre os fatores biológicos o autor reforça que, mesmo que haja extrema influência hormonal, isso não garante sentimento de pertencimento a uma identidade de gênero ou outra. Dos Reis e Pinho (2016) esclarecem que a identidade de gênero é caracterizada na concepção individual de ser homem ou ser mulher, ou ainda ser um gênero diferente destes dois; já a expressão de gênero trata-se da representação física referente a esta identificação. Estes autores criticam também a maneira como se concebe o gênero, enquadrando-o em uma categoria que pode ser lida pela sociedade, a partir de características observáveis, as quais remetem a condições econômicas, sociais, de status e até mesmo de ocupação geográfica.

Os sujeitos são entendidos como constituídos em grande parte pela cultura, a qual, tomada como prática social, estrutura a maneira como cada indivíduo pensa, vive e compreende a si mesmo e o mundo (Bernardes & Guareschi, 2004). Dessa forma, a identidade não deve ser encarada como parte emergente de um centro interior, mas sim de uma inquietação entre cultura e desejo, seja este último consciente ou inconsciente (Hall, 2006). Ao repudiar a identidade como algo que define e estatiza o indivíduo, Modesto (2013, p.58) sugere “gradientes subjetivos de identidades de gênero que se interdependam e se complementam com gradientes subjetivos de orientações sexuais e comportamentos sociais de sexo/gênero, que caracterizam indivíduos”. O autor reforça também que os grupos de indivíduos que não se identificam com a classificação binária de gênero são precursores dos movimentos de mudança social ao transgredirem as normas compulsórias do ser e dos comportamentos pré estabelecidos.

Dos Reis e Pinho (2016) enfileiram todos os gêneros não-binários, os quais, ao transgredirem as imposições sociais heteronormativas, impostas a partir de seu nascimento, ultrapassam a dicotomia de polos (feminino e masculino), não sendo exclusiva e totalmente homem ou mulher, mas sim fluído para a diversidade em suas identificações. Uma sigla bastante empregada ao se falar em diversidade é a LGBTQI. Ela é composta pelos termos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queers* e Intersexuais. Lésbicas são pessoas com identidade de gênero feminino com interesse em pessoas com a mesma identidade de gênero; Gays são pessoas que sentem atração por outras do mesmo sexo; Bissexuais são pessoas que sentem atração tanto por homens quanto por mulheres; *Queer* é o termo utilizado para pessoas que não seguem modelos heteronormativos, sendo pouco utilizado no Brasil (Vieira, 2015); Intersexuais são pessoas que nascem com uma anatomia reprodutiva diferente de suas características físicas exteriores. Para o psicólogo, conhecer termos e conceitos da diversidade humana facilitam o entendimento da mesma e constitui também um dever profissional.

O papel da psicologia enquanto promotora da aceitação da diversidade sexual

A Psicologia, ciência do comportamento, estruturada em fundamentos éticos acerca da diversidade humana, que exalta o fortalecimento da autonomia das subjetividades e promove a saúde

psíquica, pouco suscita a reflexão sobre a humanização das identidades sociais, as quais permanecem praticamente invisíveis no currículo dos cursos (Gaspodini & Rissi, 2013). O respeito e a promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade, reforçados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, são princípios fundamentais da prática psicológica. De acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), este profissional deve se comprometer com a eliminação de quaisquer formas de incúria, marginalização e violência, atuando de modo a aprimorar-se, zelando por seu exercício profissional, contribuindo assim para o desenvolvimento de sua ciência, rechaçando situações em que a Psicologia esteja em posição de aviltamento. Este comprometimento deve ocorrer em consonância com a conscientização sobre relações de poder que integram a posição que ocupa e sobre como essas relações impactam sobre suas atividades.

Souza, Petroni e Bremberguer (2007) salientam que a Psicologia possui um papel fundamental no contexto escolar, pois este constitui-se um espaço produtor de saúde ou doença, entendendo a saúde como bem-estar, como possibilidade de aceder a novos patamares de desenvolvimento, como motivação constante e atitude positiva em relação à vida, enquanto a doença é entendida como desânimos constantes, exposição à humilhação, baixa autoestima, descontrole emocional, estresse, etc. Os mesmos autores seguem dizendo que o papel da psicologia na escola é de mediar as relações, de oferecer os conhecimentos sobre desenvolvimento e aprendizagem, de orientar os profissionais e de instrumentalizar para superar os problemas vividos no contexto social, rumo à autonomia de todos os indivíduos. Sendo assim, a psicologia aplicada ao contexto escolar é vista como agente de transformação

Para romper com o velho e construir novos olhares sobre o mundo, é necessária uma mudança de perspectiva, ou seja, a sala de aula deve se constituir em um espaço de interações entre os sujeitos históricos e o conhecimento, o debate, a curiosidade, o questionamento, a dúvida, a proposição e a assunção de posição resultam, sem dúvida, em protagonismo e em desenvolvimento da autonomia. Neste sentido, algumas considerações sobre a metodologia ativa, parecem merecer alguma explicação a fim de contextualizar este estudo.

Considerações sobre Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem

As metodologias ativas são formas de ensino-aprendizagem que retiram o protagonismo da figura do professor, e rompe com o método clássico de ensinar, quando os alunos memorizam os conteúdos e os absorvem de maneira acrítica. As metodologias ativas buscam despertar a curiosidade, à medida que os alunos inserem a teoria e trazem novos elementos que ainda não foram apresentados em aula, fortalecendo assim a percepção para o desenvolvimento de respostas ou soluções para problemas, ou ainda alternativas criativas para temas ainda não esgotados pela ciência e que merecem estudos ou pesquisas. Nessa perspectiva, o aluno passa a ser um ponto central no processo de ensino e aprendizagem, onde o mesmo ao invés de fazer parte do processo, irá criá-lo (Berbel, 2011).

Ao ocupar o lugar de sujeito na construção do conhecimento, o educando participa dos processos de análise existencial, enquanto o educador atua como facilitador e orientador. Este modelo ativo de ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva inovadora, permite uma formação profissional mais qualificada, técnica e consistente (Melo & Sant'Ana, 2013).

De acordo com Mitre, Siqueira-Batista, de Mendonça, Pinto, Meirelles, Porto e Hoffmann (2008), a formação dos profissionais de saúde tem sido fundamentada em preceitos historicamente metodológicos e conservadores, influenciados justamente pelo mesmo modelo mecanicista e cartesiano que resulta na binaridade de gênero. Nesta égide, o processo de ensino-aprendizagem manifesta-se contaminado e fragmentado, restrito a simples e não discutida e refletida repetição de conteúdo, em que o docente assume o papel de um transmissor de conhecimento e o discente a função de propagador deste. Quando imposta, a educação converte-se em um equipamento de propagação das desigualdades, incitando ódio, violência e segregação.

A prática pedagógica inovadora diverge deste modelo tradicional, alocando o docente em um papel de facilitador e orientador do conhecimento, enquanto o discente, atua como sujeito ativo dos processos de construção dos saberes, ampliando as perspectivas de aprendizagem (Mitre et al, 2008; Sobral & Campos, 2012). Apostando no desconhecido como descortinador de novos horizontes e possibilidades de transformação, esta proposta fomenta a reflexão, o diálogo e ensina para a diversidade, uma vez que o novo deixa de ser visto como errado e passa a ser visto como oportunidade de novos caminhos e novas construções.

O presente relato de experiência foi construído a partir de uma intervenção criada em uma disciplina que não poderia ser realizada em um modelo tradicional, visto que tem como uma de suas estruturas fundamentais a de levar o acadêmico a atuar e refletir sobre seu contexto, vivenciando a prática profissional com competência, aplicando técnicas e teorias, fazendo valer o processo de ensino-aprendizagem no qual está inserido. Configura-se, portanto, como uma proposta de metodologia ativa que visa compreender o contexto a partir da interação da multiplicidade de olhares dos alunos, permitindo aos graduandos a construção de novos paradigmas que ofereçam significados condizentes com as novas estruturas sociais.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 165 discentes e docentes do Curso de Bacharel em Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA).

Instrumento

A fim de avaliar o impacto da intervenção, no sentido de promover a reflexão sobre a transgeneridade, um questionário (figura 1) foi elaborado pelos 22 acadêmicos integrantes da disciplina de Seminário Integrador, responsáveis pela elaboração da intervenção.

Procedimentos

Durante o primeiro semestre do ano de 2018, acadêmicos integrantes da disciplina de Seminário Integrador, (componente curricular), ministrada pela professora, Mestre em Psicologia, Fernanda Vaz Hartmann, elaboraram uma intervenção a ser aplicada nos demais acadêmicos e docentes dos mesmos curso e instituição. A intervenção, composta por etapas apresentadas nos formatos de teatro interativo, dramatização, *quiz* e jogo, ocorreu na noite de 31 de maio, no auditório da faculdade CESUCA e contou com a participação de discentes e docentes do Curso de Psicologia da instituição. Faz-se a seguir uma apresentação das etapas da intervenção a fim de oferecer a compreensão da mesma.

A primeira etapa consistiu em uma dramatização, em que quatro acadêmicas, componentes do grupo idealizador da intervenção, verbalizaram palavras agressivas, entre as quais, algumas eram de calão. Essas verbalizações ocorreram em ambiente desprovido de iluminação e, no momento em que as acadêmicas falavam, seus rostos foram iluminados apenas por lanternas, no intuito de reforçar o impacto do teor agressivo das palavras proferidas. Ao final desta etapa, as acadêmicas leram informações e dados estatísticos sobre índices de violência contra pessoas transgêneras. Além dos recursos de iluminação, a trilha sonora contribuiu para potencializar a característica dramática da cena representada, a qual continuou soando durante a execução da segunda etapa da intervenção.

A segunda etapa ocorreu com a representação de uma mulher transgênera, dramatizada por outra acadêmica integrante da equipe promotora da intervenção. Ao som da música, a discente representou o sofrimento que pode acometer uma pessoa transgênera não aceita em sua diversidade. A acadêmica entrou em cena representando uma pessoa com características físicas masculinas e, gradativamente, despiu-se das roupas de homem, assumindo sua identidade feminina. Outras duas acadêmicas participaram da dramatização, representando as duas faces da sociedade, uma que aceita e a outra que rechaça a identidade de gênero da personagem. Nesta etapa os recursos musicais e de iluminação também contribuíram para impactar os espectadores.

A terceira etapa iniciou com a gradual mudança da trilha sonora, evidenciando um homem trans*, representado por outra acadêmica integrante da equipe interventiva. A aluna entrou em cena vestida com roupas femininas e iniciou enfaixando os seios, de modo a escondê-los, vestindo posteriormente roupas de homem e um boné, assumindo a identidade masculina. No decorrer da cena, a acadêmica, com auxílio de outras alunas da equipe, representou a tentativa de um homem transgênero engajar-se profissionalmente, seguida da

A partir da vivência promovida pela intervenção, responda o questionário a seguir:

- 1) Quando você experimentou os xingamentos e sala escura, qual sentimento foi suscitado de forma mais intensa?
 Desconforto
 Tristeza
 Angústia
 Outro. Qual? _____
- 2) Cenas de opressão e discriminação foram apresentadas. Se você presenciasse uma cena de violência qual seria sua atitude?
 Denunciaria
 Interviria verbalmente
 Interviria fisicamente
 Ignoraria
- 3) Enumere de 1 a 5, sendo que 1 é o de menor relevância e 5 o de maior relevância, os contextos que geram sofrimento nas pessoas transgêneras:
 Família Escola Trabalho Sociedade Igreja
- 4) Você acha que as escolas devem abordar o tema das diferentes identidades de gênero?
 Sim Não
- 5) Numa escala de 1 a 5, sendo 1 pouco relevante e 5 muito relevante, qual seria a sua opinião quanto as informações obtidas sobre o tema das pessoas transgêneras?
 1 2 3 4 5
- 6) Dos aspectos contemplados na intervenção, qual lhe causou mais impacto?
 Violência
 Sofrimento psíquico
 Invisibilidade social (sujeito sem direitos sociais)
 Dificuldade na interação social
- 7) Numa escala de 1 a 5, sendo 1 para relevante e 5 muito relevante, qual a relevância do tema abordado nesta intervenção (identidade de gênero), na sua formação em Psicologia?
 1 2 3 4 5
- 8) Se você pudesse, em uma palavra, representar a sua experiência com essa intervenção, qual seria essa palavra?

Figura 1
Questionário de percepção

negativa, devida a não aceitação da diversidade, enquanto outra personagem mulher requisita e é contemplada com a mesma colocação, ilustrando o quão difícil é a busca e o efetivo emprego de profissionais transgênero. Em outro momento, a personagem é execrada por sua família, representada por outras duas acadêmicas da equipe. A personagem então busca na Psicologia a resolução de seus conflitos familiares. Neste momento foi representada uma sessão de terapia familiar, em que a personagem principal e as que representam sua mãe e irmã interagiram e conseguiram superar as dificuldades, reunindo-se novamente e aceitando a diversidade do familiar em sofrimento. Durante cada quadro representado nesta etapa, a personagem ergueu pequenos cartazes com frases

impactantes sobre aceitação social, as quais eram concomitantemente lidas por uma das alunas integrantes da equipe. Ao final de sua dramatização, a personagem principal conseguiu um emprego e mostrou exultantemente aos presentes sua carteira de trabalho, simbolizando que, embora haja dificuldades, uma pessoa transgênera pode ter sucesso profissional. A etapa finaliza com a dramatização da personagem principal desta, falando sobre seu sofrimento causado pela não aceitação social; a personagem principal da segunda etapa também fala sobre sua invisibilidade social, reforçada pelos questionamentos acerca de sua identidade de gênero. Uma terceira acadêmica integrante da equipe, representando uma travesti, interpretou uma sensibilizadora fala sobre a liberdade em relação a

sua sexualidade.

A quarta etapa consistiu em um *quiz* e iniciou com a fala de uma das acadêmicas integrantes da equipe. Em sua fala, a acadêmica reforçou a problemática trazida pelas representações realizadas e convidou os presentes a participarem de um *quiz*, em que seriam discutidos alguns conceitos acerca da transgeneridade. Aos participantes foram distribuídos papeis, nos quais estavam escritos alguns conceitos e também apitos. Gradativamente, outros membros da equipe mostraram em cartazes, algumas frases, as quais estavam relacionadas aos conceitos entregues aos participantes. Em voz alta, a acadêmica apresentadora leu as frases mostradas pela equipe, enquanto os participantes deveriam sinalizar com os apitos caso tivessem em mãos o conceito relacionado as mesmas. Esta etapa evidenciou com mais vigor o potencial instrutivo da intervenção, uma vez que trouxe e elucidou conceitos acerca da transgeneridade. Por fim, a acadêmica apresentadora convidou os participantes para a quinta etapa da intervenção.

Consistindo em um jogo de trilha, a quinta etapa, intitulada “Trilha da Vida”, representou de forma lúdica algumas etapas da vida de pessoas transgêneras. A trilha tratava-se de uma espécie de tapete de aproximadamente dez metros de comprimento, no qual estava pintado um caminho composto por oito casas, a saber: nascimento, família, escola, adolescência, trabalho, social, sonhos e identidade. Três acadêmicas leram diferentes fichas que conduziram três participantes no percurso da Trilha da Vida. Durante o percurso os participantes vivenciaram algumas situações que compõem histórias de vida de algumas pessoas transgêneras, tais como a não aceitação familiar, o abandono, a solidão, a dificuldade de conseguir trabalho, discriminação, a prostituição, doenças sexualmente transmissíveis, morte, superação, amor, amizade e sonhos, rumo a construção da identidade.

A sexta etapa iniciou o processo de fechamento das intervenções. Consistiu na aparição das personagens principais das segunda e terceira etapas da intervenção, as quais dramatizaram cenas em que se sentiam aceitas. Finalizando as encenações, a música “Meninos e Meninas” da banda Legião Urbana começou a tocar, enquanto os acadêmicos centralizaram-se entre os observadores e participantes, agradecendo sua presença. Foram estourados balões coloridos que reforçaram o sentimento de êxito dos proponentes da intervenção em tê-la realizado com o sucesso esperado. Este agradecimento foi seguido pela fala de uma outra discente componente da equipe, que trouxe uma reflexão sobre o papel da Psicologia e de seus profissionais em exercício e formação em relação a transgeneridade. A acadêmica reforçou a necessidade de maiores estudos e elucidação acerca dos conceitos da diversidade, como uma atitude de respeito diante do sofrimento psíquico que acomete a pessoa transgênera. A fala da acadêmica também alertou sobre as questões éticas que permeiam o fazer psicológico, fomentando uma reflexão sobre humanização das identidades sociais. Durante esta fala, demais membros da equipe distribuíram entre os discentes e docentes participantes um questionário (sétima etapa) que continha perguntas referentes aos sentimentos provocado pela intervenção aplicada.

Análise dos resultados

Compreendeu-se os resultados deste estudo a partir da observação e dos dados coletados pelo questionários. Após o levantamento dos mesmos, procurou-se compreendê-los a partir da revisão da literatura explorada neste estudo (Gil, 2008).

Resultados e discussão

A exposição dos resultados será feita respeitando a ordem em que foi aplicada, ou seja, inicia-se a análise pela primeira parte e segue-se, em sequência, analisando as demais.

A primeira etapa da intervenção buscou sensibilizar os espectadores, tentando fazê-los sentirem-se como uma pessoa transgênera, cujo direito a expressão de sua identidade de gênero é cerceado e sua integridade é violentada. As palavras agressivas verbalizadas durante a primeira etapa da intervenção causaram reações intensas, percebidas de diferentes formas entre os presentes. Algumas pessoas expressaram na face asco, raiva, tristeza e revolta. Outras lacrimejaram, baixaram os olhos e tentaram evitar a visualização das acadêmicas que realizavam a dramatização. Tais reações foram evidenciadas também pelas respostas obtidas no questionário, coletadas a partir da questão 1: “Quando você experimentou os xingamentos e sala escura, qual sentimento foi suscitado de forma mais intensa?”. Os participantes referiram que o sentimento mais intenso despertado foi o sentimento de angústia, que obteve 48,85% das respostas, seguido pelo sentimento de tristeza e desconforto, que obtiveram, respectivamente, 37,58% e 22,42% das respostas.

A preocupação com a discriminação e violência seguem sendo exploradas com a questão 2 do questionário: “Cenas de opressão e discriminação foram apresentadas. Se você presenciasse uma cena de violência qual seria sua atitude?”. Acredita-se que a partir do momento que vivenciaram xingamentos na etapa anterior da intervenção, os participantes ficaram mobilizados emocionalmente, o que foi confirmado por suas respostas, e esta mobilização emocional permitiu a empatia com as situações de violência vividas pelos indivíduos transexuais. Obteve-se como resposta que 58,79% dos participantes interviriam verbalmente, enquanto 46,67% denunciariam a situação de agressão. Este resultado gera certa estranheza, pois os indicadores de violência contra os trans são muitos altos (IBGE, 2011), o que sugere duas possibilidades de análise: ou os participantes referem atitudes que na prática não se consolidam, ou se sentiram tão mobilizados com a intervenção que esta lhes despertou o desejo de se tornarem sujeitos ativos no processo de mudança social. Sobre os resultados obtidos, não se tem clareza sobre qual contexto social gera mais violência, mas levanta-se a hipótese de que pode ter ocorrido um enviesamento relacionado a experiência de vida dos participantes, em relação a transgeneridade.

Além da violência física, a violência moral e verbal, sabe-se que na contemporaneidade, a violência contra os transgêneros, que acomete a maioria dos casos, é a violência simbólica, que é caracterizada como

forma de desrespeito e falta de direitos. A violência aumenta de forma brutal nas situações de prostituição, onde nos deparamos com requintes de crueldade (Pagliari & Piber, 2016).

A terceira etapa trouxe uma reflexão sobre a importância do apoio familiar e da sociedade como um todo no acolhimento de pessoas transgêneras através da seguinte questão: *“Enumere de 1 a 5, sendo que 1 é de menor relevância e 5 o de maior relevância, os contextos que geram sofrimento nas pessoas transgêneras”*. A família precisava ser contemplada na intervenção, tendo em vista que se trata do primeiro grupo social em que o ser humano é inserido, constitui-se assim, num fator fundamental para suporte à vida e ao desenvolvimento (Osorio, 2009; Zimerman 2000). Em concordância com o que foi dramatizado, a família foi o contexto social considerado o que mais gera sofrimento, configurando 58,79% das respostas. Em segundo lugar, apareceu a sociedade com 41,21% das respostas. Os contextos da igreja, trabalho e escola configuraram, respectivamente, 32,12%, 19,39% e 17,58% das respostas a esta questão.

Parece haver um senso comum no que diz respeito a importância da família enquanto primeiro grupo social em que o indivíduo se insere e, que oferecerá a base ao longo de sua existência, oferecendo assim as ferramentas para circular nos diversos outros grupos sociais (Zimerman, 2000). Observou-se que os participantes reconhecem a importância da família na estruturação do sujeito, ao elegerem o contexto familiar como o que mais gera sofrimento psíquico aos transgêneros (Kurashige & dos Reis, 2015). Sabe-se, que o sentimento de rejeição é frequentemente citado pelos indivíduos transgêneros, e que muitos deles, ao assumirem suas identidades, confrontaram-se com a rejeição afetiva da família. De Jesus (2013) reforça a importância do apoio familiar como um fator relevante e fundamental para o bem estar social na vida de uma pessoa transgênera, pois esta, ao não encontrar meios favoráveis de expressão de sua essência, tende a fechar-se para expectativas futuras, o que poderá repercutir em diversos outros contextos de desenvolvimento. A violência, seja física, moral ou verbal, observada em muitos contextos familiares, é um importante aspecto a ser levado em consideração, tendo em vista que traumas infantis repetidos, entre os quais abuso físico e violência doméstica grave, têm importante relação com transtornos de personalidade (Neto & Cordás, 2011).

Também nesta terceira etapa, ilustra-se a importância do engajamento profissional, evidenciando que a dificuldade de inserção no mercado de trabalho constitui-se em um dos maiores obstáculos encontrados pela pessoa transgênera (Carvalho, 2006). A terceira célula social, que é o ambiente de trabalho, reproduz a lógica binária instituída pela sociedade (Reis & Pinho, 2016), e aqueles que fogem a esta regra encontram um cerceamento de oportunidades. Chama a atenção que o grupo de participantes não tenha dado maior valor para o contexto do trabalho e da escola, tendo eleito o contexto da igreja, após a família e a sociedade, como gerador de maior sofrimento no indivíduo trans. Tal resultado nos leva a pensar que o dito pluralismo religioso citado por Steil (2011), e a atitude inclusiva, citada por Almeida (2009), talvez não seja a referência de prática

religiosa dos participantes deste estudo, pois os resultados indicam que eles tem este contexto como discriminatório e não como um espaço de acolhimento e inclusão. Acredita-se, entretanto, que a igreja pode se constituir como um espaço de novas experiências de fé, encontrando oportunidade e espaço de crescimento, e auxiliando na construção de uma sociedade mais igualitária, que respeite as diversidades sem oferecer qualquer tipo de discriminação (Almeida, 2009, citado por da Silva, Simião & da Silva, 2017).

Outro contexto explorado pela questão 3 é o contexto escolar. Considera-se a escola a segunda célula social, espaço de construção de saberes, que oportuniza conhecimentos formais e informais. Como conhecimento formal tem-se os conteúdos e teorias aprendidos em diferentes disciplinas, enquanto o informal se desenvolve nas relações, nas formações de vínculo e na troca saberes e experiências entre os indivíduos. Embora os participantes deste estudo não tenham retratado a verdadeira importância deste contexto, observa-se que o fracasso e o abandono escolar pelos transgêneros são muito frequentes e ocorrem como consequência da violência, do desrespeito e da discriminação, infringido pelos alunos e também por educadores (Silva Lima & Filha, 2017). As autoras destacam ainda como fator de alta contribuição para a desistência escolar dos transgêneros o despreparo dos profissionais da educação. Não saber lidar com os aspectos da diversidade não deixa de ser uma forma de preconceito e está em dissonância com os princípios fundamentais de nossa legislação.

Ainda problematizando o contexto escolar, segue-se com a questão 4 que oferece a seguinte pergunta: *“Você acha que as escolas devem abordar o tema das diferentes identidades de gênero?”*. Dos participantes respondentes, 90,91% consideraram que este tema deve ser tratado nas instituições de ensino. Louro (2003 citado por Nery & Gaspodini, 2015) infere que, ao abordar gênero, as escolas tratam de sexualidade, como se fossem sinônimos, oferecendo um entendimento unilateral em que sexualidade diz respeito a ser masculino ou feminino. Figueiró (2009) contribui explicando que a sexualidade, quando estudada nos espaços escolares, é situada no ensino da Biologia, com conteúdo ministrado por docentes das disciplinas de Ciências, detentores dos saberes e respostas sobre sexualidade humana. A autora reforça que explicar fenômenos humanos em termos biológicos é uma forte tendência que nos direciona a compreender a sexualidade a partir da categorização do corpo, do sexo, gênero e dos papéis sexuais. Segundo Junqueira (2010) a desnaturalização da heterossexualidade e a desestabilização do disciplinamento heteronormativo conduzem a uma educação realmente inclusiva. Sendo a educação um direito de todos, marcadores de gênero, classe, etnia e sexualidade dificultam a inserção social, limitando a aprendizagem e a apropriação de conhecimentos por discentes e docentes, e configuram-se como mecanismos de segregação que desvirtuam a Constituição Cidadã (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Dessa forma, a escola deve se converter em um espaço que não apenas permita, mas oportunize a expressão da diversidade.

Ao longo do processo, muitos debates foram construídos, não apenas

sobre contexto da transgeneridade, mas também sobre o papel do psicólogo no atendimento a pessoas transgêneras. A relevância sobre o tema transgeneridade para a formação em Psicologia é abordada na pergunta de número 5 do questionário aplicado ("Numa escala de 1 a 5, sendo 1 pouco relevante e 5 muito relevante, qual seria a sua opinião quanto as informações obtidas sobre o tema das pessoas transgêneras?"). Dos participantes respondentes, 76,36% consideraram muito relevante, enquanto 1,82% consideraram pouco relevante abordar este assunto em sua formação. A fala realizada durante o fechamento da intervenção traz à discussão questões importantes sobre a transgeneridade e outras manifestações da diversidade. É dever do psicólogo, em qualquer contexto em que sua prática estiver inserida, agir em consonância com os princípios éticos que regulamentam sua profissão, de modo a preservar os princípios universais da dignidade humana. A obrigatoriedade em reconhecer a legitimidade das transidentidades deve pautar a prática psicológica, balizada pelos princípios humanizadores do movimento de despatologização das transidentidades (Gaspodini & Rissi, 2013).

Uma das intenções, no momento da elaboração da intervenção, foi a de abordar o tema a partir de uma perspectiva impactante. Para avaliar se esta intenção alcançada, temos a questão 6 ("Dos aspectos contemplados na intervenção, qual lhe causou mais impacto?"), demonstrando que, entre os aspectos problematizados pela intervenção, o mais impactante, somando 53,33% das respostas, foi o da invisibilidade social. Siqueira, Nicolli, e Alveti, (2015) inferem que a invisibilidade social é a realidade dos indivíduos transgêneros. A complexa diferenciação e a mistura dos termos "sexo" e "gênero", como classificação de indivíduos é reforçadora da invisibilidade social, uma vez que a pessoa transgênera, não sendo compreendida na conduta heteronormativa, deixa de existir e é privada de direitos.

Ainda referente ao impacto suscitado pela intervenção, a questão 7 ("Se você pudesse, em uma palavra, representar a sua experiência com essa intervenção, qual seria essa palavra?") revelou com maior acurácia o sentimento que despertado nos participantes. Dos respondentes, 9,7% considerou a intervenção como impactante. Este resultado corrobora com o pensamento que motivou a escolha desta temática para a realização da intervenção. Ao escolheres o tema, discentes e docente da disciplina de Seminário Integrador, tendo em vista a carência de estudos atuais acerca da transgeneridade, problematizaram a importância de se refletir sobre a prática psicológica diante deste tema. Outras palavras mencionadas foram: Importante (7,88%); aprendizado (6,67%); consciência (6,6%); respeito e conhecimento (4,85%); empatia, tristeza, reflexão, gratidão e ótima (3,64%); surpresa (3,3%); esperança, incrível e emocionante (2,42%); compreensão e mudança (1,82%); realidade, instrutiva, interessante, igualdade, amor, inquietação, visibilidade e boa (1,21%); compaixão, orgulho, sensibilidade, atitude, cotidiano, ignorância, medo, angústia, dignidade, intensa, acrescenta, discordo, revolta e artística (0,61%).

Os sentimentos de tristeza e angústia foram citados na questão 7 e declarados nas falas dos participantes e observadores, no momento após o fechamento da intervenção. Apesar de os depoimentos terem

sido carregados de emoção, evidenciando a intensa mobilização dos participantes, não se tem clareza se a tristeza e a angústia mencionadas são referentes a tomada de consciência sobre a violência sofrida pela pessoa transgênera ou pelo não posicionamento de quem observa a violência contra essas pessoas e não se posiciona.

Após análise dos dados obtidos com o questionário e dos depoimentos dados no final da intervenção, compreendeu-se que surgiram questões diferentes das apontadas pelos acadêmicos proponentes da atividade. Entretanto, percebeu-se que os sentimentos despertados nos participantes e observadores foram aproximados dos experimentados pelos acadêmicos idealizadores da intervenção, no decorrer do processo de elaboração da mesma. A forma como o assunto da transgeneridade foi abordado e apresentado deu sustentação ao despertar desses sentimentos. Cabe mencionar que, convergindo com esta percepção acerca dos sentimentos despertados, quando os personagens transgêneros representaram o ato em que haviam conseguido realizar suas metas de expressarem suas identidades de gênero, os participantes e observadores os ovacionaram, aplaudindo efusivamente, embora a intervenção não tivesse encerrado ainda naquele momento. Esta reação demonstrou o quanto todos estavam mobilizados com a intervenção.

Considerações finais

Este trabalho, em todas as suas etapas, desde a idealização, passando pela aplicação da intervenção, até a discussão e análise dos resultados promoveu uma reflexão a respeito do sofrimento psíquico da população transgênera, criando um contexto de empatia aos sentimentos gerados pela discriminação nos diferentes contextos retratados durante as dramatizações realizadas na intervenção. A transgeneridade foi problematizada e muitos conceitos foram aprendidos, elucidados e acomodados, gerando importante transformação, não apenas no que tange à diversidade, mas em todas as instâncias do entendimento do que é a prática psicológica.

A intervenção realizada fomentou entre os acadêmicos idealizadores uma ávida busca por conhecimento acerca da transgeneridade. Disciplinas como a de Seminário Integrador reforçam uma postura acadêmica ativa, que leva o educando a integrar as teorias com a prática psicológica, preparando-o para enfrentar as contingências da profissão. De forma vivencial e ativa os alunos experienciaram a prática, utilizando a MAEA como referência. Esta prática gerou inquietação, fazendo-os ir à campo e entrar em contato com a temática. Esta atitude, a qual a MAEA estimula, fez com que os alunos se percebessem e ocupassem o lugar de sujeitos na construção do conhecimento, enquanto a professora ocupou seu espaço de atuadora e facilitadora do processo.

A maneira como o assunto foi abordado e apresentado promove reflexão a partir de um ponto de vista diferente das práticas usuais, baseadas em expositivas e dialogadas em formato de palestra que, embora válidas e elucidativas, não atendem às expectativas da nova geração. Dinâmicas e impactantes, intervenções dramáticas e

participativas ampliam os horizontes do ensino da Psicologia, estimulando os acadêmicos a pensarem em novas estratégias interventivas a serem aplicadas em suas atividades de estágio. Aos docentes, intervenções como esta permitem visualizar o crescimento pessoal e profissional de seus estudantes, ao assisti-los engajados e entregues à prática, não preocupados com valores de suas avaliações ou graus semestrais. E no que tange a relevância, o presente material evidenciou a importância sobre abordar a transgeneridade na Academia, para a manutenção dos preceitos éticos que regulamentam a profissão psicológica e para a criação de uma abordagem mais ativa, respeitosa e questionadora no que diz respeito a diversidade.

À medida em que se constrói uma reflexão, na qual os sujeitos entrem em contato com seus sentimentos, acessando os conhecimentos, provoca-se uma inquietação. Espera-se que esta desacomodação impulse os estudantes e professores que participaram da intervenção, bem como os que a propuseram, a se posicionarem frente a diversidade, de modo a compreendê-la, aceitá-la, discutirem-na e promoverem-na, pois, desta forma podemos promover a redução da violência, da discriminação e do preconceito contra os transgêneros.

Referências

- Berbel, N. (2011). Metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina*, 32 (1 jan./jun.), 25-40.
- Bernardes, A. e Guareschi, N. (2004). "A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento". In: Strey, M.; Cabeda, S. e Prehn, D. (orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Bernini, L. (2012). Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 5(06), 37-49.
- Carvalho, E. R. (2006). Eu quero viver de dia": uma análise da inserção das transgêneros no mercado de Trabalho. *Seminário fazendo gênero*, 7.
- Costa, J. F. (1995). A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. In *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*.
- Davi, E. H. D., & Onofre, Y. C. (2017). Violência e sofrimento social nas trajetórias de vida de pessoas LGBT do recôncavo da Bahia. *Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade*. 06 a 08 de Setembro de 2017. Salvador, Bahia.
- da Silva, J. B., Simião, J. H., & da Silva, M. R. *Entre o mercado religioso e a fé inclusiva: igrejas LGBT como nicho de mercado*.
- da Silva Lima, T., & Filha, C. X. (2017). O Fracasso Escolar de Mulheres Transexuais e Travestis nos Trabalhos Apresentados no Gt-23 da Anped, no Período de 2005 a 2015. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS*, 23(46), 45-62.
- de Diretrizes, L. (1996). *Bases da Educação Nacional*.
- de Jesus, J. G. (2013). Crianças trans: memórias e desafios teóricos. *Anais do III seminário internacional enlaçando sexualidades*. Salvador. UFBA, 1-14.
- de Oliveira Júnior, W. A., Boaventura, L. S., & Messeder, S. A. (2016). *O disque 100 e a violência LGBT*.
- de Souza, E. M., & de Pádua Carrieri, A. (2010). A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)*, 11(3), 21-39.
- Demográfico, I. C. (2011). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em, 6, 2017.
- do Brasil, G. (1988). Constituição da república Federativa do Brasil. *Brasília, DF: Centro Gráfico*.
- dos Reis, N., & Pinho, R. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. *Reflexão e Ação*, 24(1), 7-25.
- Figueiró, M. N. D. (2009). *Educação sexual: em busca de mudanças*. UEL.

- Foucault, M., & Galvão, M. E. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*.
- Gaspodini, I. B., & Rissi, V. (2013). *Processo transexualizador: apontamentos sobre o papel do (a) psicólogo (a)*.
- GIL, A.C. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo-SP: Atlas, 2008.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. TupyKurumin.
- Junqueira, R. D. (2010). Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Revista Espaço do Currículo*, 2(2), 15-31.
- Kurashige, K. D., & dos Reis, A. F. (2015). O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. *Interfaces da Educação*, 1(3), 93-102
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, 25(2), 32-47.
- Louro, G. L. (2017). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.
- Mitre, S. M., Siqueira-Batista, R., Girardi-de-Mendonça, J. M., Morais-Pinto, N. D., Meirelles, C. D. A. B., Pinto-Porto, C., & Hoffmann, L. M. A. (2008). Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência & saúde coletiva*, 13(2), 2133-2144.
- Modesto, E. (2013). Transgeneridade: um complexo desafio. *Via Atlântica*, (24), 49-65.
- Mott, L. (2017). Homofobia: Uma praga cristã (Dossiê Gênero e violência na população LGBTQIA no Brasil). *e-hum*, 9(2), 66-73.
- Mourão, M. S. (2000). *Gênero, identidade e vida religiosa*. Edições Loyola.
- Nery, J. W., & Gaspodini, I. B. (2015). Transgeneridade na escola: estratégias de enfrentamento. *Coletânea Diversas Diversidades. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF)*, 61-80b.
- Neto, M. R. L., & Cordás, T. (2009). *Transtornos de personalidade*. Artmed Editora.
- Osorio, L. C. (2009). *Grupos terapêuticos: abordagens atuais*. Artmed Editora.
- Pagliari, D., & Piber, L. D. (2016). Violência de gênero: Com a palavra os transgêneros. In *Anais do Congresso Estadual de Teologia*, 2, 177-190.
- Rodrigues, C. M., & Barros, S. C. (2017). *Transexualidade na infância: Reflexões a partir do documentário "Meu eu secreto-histórias de crianças trans"*. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, 10(14), 78-92.
- Siqueira, M., Nicolli, L., & Alvetti, C. (2015). Transgressões: O Webdocumentário Jornalístico Como Representação de Indivíduos Transgêneros. *Intercom-sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*, 1-8.
- Sobral, F. R., & Campos, C. J. G. (2012). Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(1), 208-218.
- Souza, V. L. T. D., Petroni, A. P., & Bremberger, M. E. D. F. (2007). Psicologia, educação e a sociedade contemporânea: reflexões sob a perspectiva da Psicologia sócio-histórica. *Psicólogo informação*, 11(11), 99-112.
- Steil, C. A. (2001). Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Ciencias sociales y religión. Porto Alegre, RS*, 3(3, oct. 2001), 115-129.
- Scott, J. (2012). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. Artes Médicas.
- Vieira, H. (2015, July). *Teoria Queer, O Que é Isso?* Retrieved in June 6, 2018, from <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-issotensos-entre-vivencias-e-universidade>.
- Winnicott, D. W. (1989). A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. *Explorações psicanalíticas*.
- Xavier, N. R., & Sarat, M. (2017). Memórias da família e escola: relatos de mulheres transgêneras a partir da história oral Nosli César de Jesus Bento Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador/GPEPC UFGD. *Anais Eletrônicos do IV EHECO, Campo Grande, MS, ISSN 22374310*.
- Zimmerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed.